



Captando a distinção empiricamente: uma análise baseada em uma pesquisa multimétodo¹

Edison Bertonceo²

Michel Nicolau Netto³

Resumo: Neste artigo, propomos uma discussão sobre como investigar a relação entre distinção, capital cultural e classes sociais empiricamente, com ênfase nas questões metodológicas da pesquisa *A Distinção em São Paulo*. Após uma análise sobre a forma como Bourdieu e outros autores entenderam a distinção e buscaram apreendê-la empiricamente, mobilizamos a referida pesquisa para demonstrar os ganhos do uso de uma pesquisa multimétodo para esse fim. Para tanto, vamos analisar em mais detalhes como a fase de grupos focais foi mobilizada nesta pesquisa.

Palavras-chave: distinção, metodologia, pesquisa multimétodo, grupos focais, Pierre Bourdieu.

1 Artigo resultado de pesquisa financiada pela FAPESP. Projeto temático, Processo n. 2018/20074-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. A equipe é formada por Renato Ortiz (coordenador), Maria Celeste Mira (co-coordenadora), Ana Lúcia de Castro, Edison Bertonceo, Jorge Leite Jr., Marco Antônio Almeida, Michel Nicolau Netto, Miqueli Michetti (pesquisadores principais), Beatriz Salgado, Gustavo de Sousa, Larissa Araújo (pesquisadores associados), Elizabeth Silva, Mike Savage, Virgílio Borges Pereira, Vera Cardim e Eduardo Sena (consultores).

2 Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo - SP - Brasil - edison.bertonceo@usp.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6771-0563>

3 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas – SP - Brasil - mnicolau@unicamp.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0893-971X>

Apprehending distinction empirically: an analysis based on multimethod research

Abstract: *In this paper, we discuss how to investigate the relationship between distinction, cultural capital and social classes empirically, with emphasis on the methodological issues from the research **Distinction in São Paulo**. After an analysis of how Bourdieu and other authors understood the distinction and sought to apprehend it empirically, we mobilized the referred research to demonstrate the gains of using multimethod research for this purpose. We analyze in more detail how the focus group phase was mobilized in this research.*

Keywords: *distinction, methodology, multimethod research, focus groups, Pierre Bourdieu.*

Capturar la distinción empíricamente: un análisis basado en una investigación multimétodo

Resúmen: En este artículo, proponemos una discusión sobre cómo investigar empíricamente la relación entre distinción, capital cultural y clases sociales, con énfasis en las cuestiones metodológicas de la investigación **Distinción en São PauloAr**. Después de un análisis de cómo Bourdieu y otros autores entendieron la distinción y buscaron aprehenderla empíricamente, movilizamos la investigación referida para demostrar las ganancias de utilizar una investigación multimétodo para este propósito. Por lo tanto, analizaremos con más detalle cómo se movilizó la fase de grupos focales en esta investigación.

Palabras clave: distinción, metodología, investigación multimétodo, grupos focales, Pierre Bourdieu

Introdução

O livro *A Distinção* (Bourdieu, 2007), publicado na França em 1979, é resultado de uma série de pesquisas de Bourdieu e seu grupo que se estenderam pelas décadas de 1960 e 1970 (Saint-Martin, 2015). Naquele momento, na França, havia um processo de expansão do consumo – Baudrillard (Baudrillard, 2009 [1970]) já cunhava o termo “a sociedade do consumo” –, uma ampliação do acesso ao mercado de trabalho e à universidade e um aumento do tempo livre que poderia ser dedicado ao lazer e à cultura. Enquanto tudo parecia apontar para uma sociedade igualitária, os levantes de 1968 tornavam visíveis os conflitos

sociais que pouco eram notados pela academia e pela política francesas. Esses conflitos tomavam forma analítica nos estudos de Bourdieu e colaboradores da época. Seus escritos sobre educação (Bourdieu e Passeron, 2018 [1964]; Bourdieu e Passeron, 2014 [1970]), frequência a museus (Bourdieu e Darbel, 2007 [1969]) e preferências estéticas (Bourdieu et al, 1993 [1965]) traziam dados e análises que demonstravam como as classes sociais continuavam operando nas disposições dos sujeitos. É justamente em relação à educação⁴ que Bourdieu e Passeron mobilizam o termo capital cultural na tentativa de explicar as chances de sucesso escolar entre pessoas de diferentes classes sociais⁵.

Essa análise desmontava, assim, a visão de que as desigualdades produzidas pelas classes sociais eram pouco importantes. Contudo, também apontava para novas formas de dominação relacionadas às classes. Não apenas pela propriedade dos meios de produção, mas também pelo domínio simbólico da cultura legítima, a classe dominante acumulava bens raros que lhe permitiam exercer seu poder e reproduzir sua posição social. Esse domínio simbólico é mais difícil de se perceber sem o acesso científico, uma vez que aparece em pequenas diferenças de estilos de vida entre as classes. A essas pequenas diferenças, Bourdieu denominou de distinção. Não à toa, a tradução de *A Distinção* para o alemão, a primeira a ser feita no mundo, em 1982 (Sapiro, 2015), foi chamada justamente de *a fina diferença* (die *Feine Unterschied*).

O termo “distinção” tem várias vantagens para dar conta daquilo que Bourdieu estava notando. Em primeiro lugar, jogava luz sobre o papel da diferença no processo de dominação. Bourdieu entende a vida social pela diferença. “Existir é ser diferente” e a condição de uma diferença produzir reconhecimento social significa vantagens a quem ela se aplica. Como afirma Duval com base em *As Meditações Pascalianas* (Bourdieu, 2001), “a vida social é uma luta pelo reconhecimento, no entanto, como mostra o exemplo das medalhas ou dos ritos de instituição, o reconhecimento de um agente tem sempre como contrapartida a rejeição dos outros em uma forma de indiferenciação” (Duval, 2017: 146). Em segundo lugar, é um termo polissêmico, cujos sentidos se completam nos campos de força. Dessa forma, distinção não se define por determinadas coisas

4 Os primeiros usos do termo estão nos livros *A Reprodução* (1970), na segunda edição de *Os Herdeiros* (1979 [1964]) e em *Rapport Pédagogique et Communication* (1965).

5 Segundo os autores, os alunos das frações dominantes possuíam vários atributos – como conhecimento informal sobre a escola, cultura humanística, competência linguística, certas atitudes e estilos pessoais, conhecimento da cultura acadêmica etc. – altamente valorizados na escola (Lamont; Lareau, 1988). Dessa forma, para esses alunos, a escola tinha um senso de familiaridade bastante maior (era como se não precisassem aprender, mas lembrar) e ainda legitimava seus saberes, garantindo maiores chances de bons desempenhos.

ou práticas, mas pela condição de infinitas coisas e práticas, sob determinadas condições sociais, produzirem diferenças capazes de gerar vantagens a quem as detém. Assim, distinção significa diferença, mas também superioridade, e se algo é distinto é porque é socialmente valorizado como superior. Na língua portuguesa, até mesmo classificamos uma pessoa admirável como distinta. A distinção, assim, traduz a proposta de Durkheim e Mauss, segundo a qual toda classificação depende de uma diferença e traz em si uma hierarquização (Durkheim e Mauss, 2000).

Captar as pequenas diferenças não significa captar o que é menos importante. Ao contrário, significa captar aquilo que, por ser pouco percebida como poder (a propriedade de uma empresa é mais fácil de ser percebida do que a diferença de gostos), permite que a classe dominante, em suas diferentes frações, exerça e reproduza seu poder. Por isso, tanto em sociedades altamente desiguais, como o Brasil, quanto em sociedades menos desiguais, como as escandinavas (Hjellbrekke; Jarness, e Korsnes, 2015), a distinção será encontrada toda vez que o pesquisador buscar entender o que produz as formas de legitimação do poder da classe dominante.

Ocorre que captar a distinção tem se mostrado um grande desafio empírico para os pesquisadores. Este artigo se dedica a esse debate. Na primeira seção, apresentamos um panorama que busca demonstrar como o próprio Bourdieu lidou com esse desafio, as críticas que recebeu e como pesquisas recentes responderam a Bourdieu e a seus críticos. Ao fim do item, apontamos o que consideramos relevante para se captar quando se estuda a distinção. Na segunda seção, entramos no universo empírico. Começamos por introduzir a noção de pesquisa multimétodo, a que defendemos ser adequada para responder às questões levantadas para se apreender a distinção. Em seguida, trazemos a pesquisa *A Distinção em São Paulo*⁶, que se utiliza de uma abordagem multimétodo, para nos servir de base para análise. Essa pesquisa busca compreender como a distinção opera em São Paulo e, em especial, o papel desempenhado pelo capital cultural nas dinâmicas de classe da cidade. Focamo-nos na fase dos grupos focais e utilizamos alguns dados ali produzidos para ilustrar nossa discussão. Na conclusão, demonstramos como essa fase dialoga com as outras fases da pesquisa e nos ajuda a responder às questões que levantamos na primeira seção.

Como apreender a relação entre distinção, capital cultural e classes sociais empiricamente?

Pierre Bourdieu caracteriza a classe dominante, em suas frações, como portadora de um senso de distinção, uma forma rara, concentrada nessa classe, que permite que ela faça as distinções entre os bens simbólicos e se aproprie daqueles mais valorizados na sociedade, que lhe garantam vantagens nos subespaços sociais (campos) em que age. Ao contrário da pequena burguesia, que, ao não dominar os códigos, confunde frequentemente o alto e o baixo, o sagrado e profano, a classe dominante sabe perceber as pequenas diferenças que, por exemplo, distinguem um concerto para mão esquerda de Ravel e uma valsa de Strauss. Não se trata aqui de saber diferenciar as notas, os andamentos, a harmonia, mas saber diferenciar as posições simbólicas de cada obra. Esse senso de distinção, na França da época em que Bourdieu pesquisou, manifesta-se centralmente no que ele chamou de gosto desinteressado. Vamos um pouco mais devagar aqui. Para o autor, o espaço social e o espaço simbólico são de duas naturezas diversas (Rosenlund, 2009). Enquanto o espaço social é formado pelas posições objetivas definidas de acordo com três eixos (volume e estrutura de capital, e trajetória das classes), o espaço simbólico é formado pelo conjunto de gostos e práticas que compõem os estilos de vida. Contudo, o fato de existir correspondência entre ambos (o que Bourdieu chama de homologia), ao ponto de haver uma coincidência entre as posições no espaço social e as práticas e gostos específicos no espaço simbólico, demonstra haver um princípio único gerador, que medeia a relação entre os espaços. Esse princípio é o que chama de *habitus*, que nada mais é do que a interiorização das estruturas sociais que predisõem as tomadas de posição. Isso significa que a forma como as pessoas vivenciam as diferentes classes deve gerar as probabilidades dessas pessoas terem certos gostos, certos estilos de vida.

Sendo assim, entender qual a lógica anterior ao gosto, ou seja, aquilo que inconscientemente leva a um sujeito gostar disso e não daquilo, deve ser homóloga à lógica que organiza a condição de existência desse sujeito. No caso da classe dominante, essa lógica é a do desinteresse ou da não-necessidade. Uma vez afastada de toda a urgência da vida pela sobrevivência e pela reprodução – estando os meios já garantidos –, os sujeitos da classe dominante possuem uma relação de distanciamento com o mundo. É justamente esse distanciamento que traduz o senso de distinção em senso estético nessa classe. O senso estético – que Bourdieu toma emprestado de Kant – é a noção de que o belo se dá pela forma, e não pela função. A forma, por sua vez, é tudo aquilo que não tem utilidade, sendo a

não utilidade a tradução no espaço simbólico da não necessidade do espaço social. No caso da França, na época estudada por Bourdieu, o senso de distinção se manifesta de duas maneiras. Na fração dominada da classe dominante, aquela que possui alto volume de capital cultural, manifesta-se no “asceticismo aristocrático”, típico do gosto pela alta cultura, sendo essa mais tipicamente formada pela arte moderna, abstrata. Trata-se de uma arte que não serve de enfeite, que não marca feitas históricos, que não representa, mas que se volta para si, para sua própria forma (a “a arte pela arte”) e, assim, desvaloriza a função. Na fração dominante da classe dominante, a que possui alto volume de capital econômico, o senso de distinção se manifesta no gosto pelo luxo. O luxo, da mesma forma que a estética da arte moderna, preza a forma sobre a função, e se define pela não utilidade (Ortiz, 2019).

Além de um anexo metodológico, diversos escritos explicam como Bourdieu coletou os dados que embasaram sua análise. O central de seu método foi o recolhimento de um conjunto dados gerados por questionário – aplicado por ele e sua equipe e complementado por dados de órgãos públicos – e analisados pela técnica de Análise de Correspondência, da qual falaremos em seguida (Lebaron, 2015). Quase tanto quanto foi louvada, *A Distinção* sofreu um conjunto importante de críticas (Lebaron et al., 2015). Não seremos exaustivos, mas escolheremos algumas dessas críticas que tem implicações metodológicas sobre a captação da distinção.⁷

A relevância da alta cultura. As análises de Bourdieu não deixam dúvida de que o conhecimento da alta cultura e o gosto por ela se relaciona com o alto acúmulo de capital cultural. Ou seja, a alta cultura é distintiva. No momento em que a *Distinção* se internacionaliza, inicia-se um questionamento sobre a possibilidade de sua mesma operação em outros lugares. O principal desafio surge daquilo que ficou conhecida como a tese do onivorismo, desenvolvida inicialmente por Peterson e seus colaboradores (Peterson, 1992, 2005; Peterson e Kern, 1996). Tendo por base pesquisas quantitativas de gostos musicais – com categorias de gênero –, Peterson encontra pouca correspondência entre um gosto por alta cultura (medida por música erudita, especialmente) e as classes altas. Ao contrário, o que eles encontram é um gosto variado, que tende a misturar gêneros musicais de diferentes legitimidades, e outro monótono, que tende a consumir gêneros de legitimidade similar. Ao primeiro, Peterson dá o nome de onivorismo; ao segundo, unívoro. O onivorismo, revelam os dados de Peterson, é a prática mais frequente das classes altas, enquanto as classes baixas tendem

7 Desenvolvemos argumentos nesse sentido em Bertonecelo, Netto e Ribeiro (2022).

a um gosto menos afeito à mistura. Muitas interpretações foram dadas a isso, com diferentes graus de concordância ou refutação. O que interessa, contudo, é sua relação com a distinção. Para alguns autores, como Goldthorpe e Chan (Chan e Goldthorpe, 2007), o fato de não se encontrar uma relação entre alta cultura e posição social demonstraria a incorreção de Bourdieu em tentar relacionar cultura e classe social. Para outros, contudo, e essa é mesmo a noção que Peterson vai adotar, o fato de que a oposição onívoro/unívoro estar ligada à classe social demonstra justamente a ligação proposta por Bourdieu. O que teria ocorrido seria uma passagem do esnobe para o onívoro como fonte de recurso no jogo da distinção. Embora, sob muitos aspectos, difira da tese do onivorismo⁸, a crítica de Bernard Lahire (2002; 2007) a Bourdieu compartilha a ideia de que é muito menos frequente encontrar correspondências entre o gosto e as posições de classe, sendo que os agentes, na maior parte das vezes, assumem práticas dissonantes daquelas de seus grupos e mesmo individualmente misturam práticas de diferentes classificações. Lahire defende a ideia do homem plural e propõe investigar muito mais essa pluralidade das práticas e as variações intra-individuais do que uma correspondência exata entre práticas e grupos sociais.

A não estetização da cultura pelas classes populares. Uma vez que o senso de distinção é uma forma de exercício de poder da classe dominante e ele se relaciona com a capacidade de estetização, Bourdieu duvidava da capacidade das classes populares em estetizar a vida e o gosto. Para o autor, as classes populares se caracterizariam por um gosto da necessidade, ou seja, um gosto que prima pela função, uma vez que elas precisam dar respostas rápidas às urgências da vida. Os dados que ele gerou parecem confirmar sua suposição, mas vários críticos demonstraram que esses dados foram, de certa forma, condicionados ao próprio desenho de pesquisa. Em primeiro lugar, Bourdieu, assumidamente, subrepresentou as classes populares. Em segundo lugar, ele colocou poucas categorias e poucos domínios mais típicos do consumo das classes populares

8 Lahire (2007) expressa cinco diferenças às teses de Peterson: 1) Peterson se concentra apenas no domínio musical e, mais especificamente, em gêneros musicais, enquanto os dados de Lahire cobrem vários domínios culturais, o que lhe permite observar as variações também entre domínios (gostar de música erudita e filme de bang-bang, por exemplo); 2) Peterson se refere apenas a preferências, enquanto Lahire vê nas práticas, e em suas relações com as preferências, o locus adequado para compreender as variações intraindividuais. 3) Enquanto Peterson entende que o gosto onívoro é algo novo, Lahire afirma que esse gosto já podia ser encontrado na década de 1960 se os modelos adequados (que olhassem para desvios em vez de regularidades) tivessem sido aplicados. 4) Enquanto Peterson afirma que o gosto onívoro é mais típico das altas classes, Lahire afirma que as variações intraindividuais aparecem em todas as classes. 5) Peterson trabalha com a escala de grupo, o que não o permite observar as variações internas ao grupo. Lahire propõe uma sociologia em escala individual.

(Bennett, 2011). Seu questionário se baseia amplamente em referências culturais já legitimadas pelas instâncias culturais (como museus, ópera, casas de concerto etc.) e em domínios mais típicos de uma visão legitimista de cultura. Não há perguntas, por exemplo, sobre festivais, feiras etc., como nos lembra Bennett, práticas em que as classes populares tendem a produzir estetização. As razões do autor para tanto são expressas. Uma vez que o senso de distinção se relaciona ao afastamento das ordens mais urgentes das condições de existência, interessa para se compreender o poder as classes superiores. Isso desconsideraria, contudo, tanto a condição das classes inferiores em produzirem formas resistentes de cultura quanto as próprias maneiras como essas classes disputam, entre si, a legitimidade cultural.

Os limites do questionário e as fronteiras simbólicas. Ambas as críticas já nos apontam os limites do questionário como ferramenta para se encontrar fronteiras simbólicas e, por consequência, a distinção. A crítica mais contundente nesse sentido é de Michèle Lamont. Em sua pesquisa sobre as fronteiras simbólicas das “altas classes médias” [*Upper-middle class*] norte-americana e francesa, Lamont se utiliza de entrevistas, e não de questionários. A vantagem das entrevistas, para a autora, é a possibilidade de se captar as categorias que, de fato, os agentes mobilizam para se diferenciarem de outras classes sociais sem assumi-las de antemão. Se, em um questionário, as categorias possíveis são apresentadas pelo pesquisador e por ele classificadas de antemão, em uma entrevista, elas emergem dos entrevistados. É por isso que Lamont (Lamont, 1992) pôde compreender que, se, na França dos anos 1990, a alta cultura de fato é mobilizada pela “alta classe média” para produzir fronteiras simbólicas, nos EUA, ela tem pouca relevância, sendo a moral mais importante. Tivesse ela feito a pesquisa utilizando questionário, talvez as categorias encontradas nas entrevistas não estivessem disponíveis. Ainda na crítica ao uso do questionário, autores que seguem a linha metodológica de Lamont, como Sølberg e Jarness, criticam o uso do questionário pelo fato de a análise de seus dados ser mais capaz de demonstrar “pertencimento de classe” do que propriamente exercício de poder. Pensando em estudos contemporâneos inspirados em Bourdieu, os autores afirmam que, embora muitos deles “empreguem a metáfora de capital para descrever estilos de vida específicos (como formas de capital cultural ‘erudito’ [*highbrow*], ‘emergente’ e ‘cosmopolita’), não é geralmente muito claro se e como praticar tais estilos de vida produz vantagens e privilégios na vida social, como a metáfora sugere” (Sølberg e Jarness, 2019: 180). Lamont e Lareau já diziam uma década antes, em 1988, que, de fato, as pesquisas nos EUA inspiradas em Bourdieu retiravam a dimensão do poder do capital cultural (Lamont

e Lareau, 1988). Pensando na distinção, seria como se o termo fosse resumido apenas à diferença, sem se observar a hierarquização.

As respostas metodológicas serão tratadas no próximo item. Agora nos importa olhar como a bibliografia mais próxima a Bourdieu busca lidar com essas críticas. É provável que o mais contundente nesse sentido tenha sido de Douglas Holt (Holt, 1997), que buscou dar conta das críticas a Bourdieu nos EUA. Segundo o autor, os argumentos críticos à *Distinção* recaem sobre uma análise do capital cultural que confunde os aspectos *abstrato* e *particular* do conceito. Enquanto o aspecto abstrato é produzido pela incorporação das estruturas sociais condicionadas pelas classes, o particular é específico do campo em que o capital cultural é articulado. Dessa forma, o que se incorpora não é exatamente um gosto pela alta cultura, mas uma capacidade de julgamento do mundo social que se manifestará como distintivo em objetos diferentes em cada campo e em situações específicas que, em conjunto, formam um sistema relacional. Ou seja, o capital cultural não estaria em determinados objetos, mas em formas de apreciação que permitem um conhecimento prático nas escolhas dos objetos mais legítimos em cada campo. Não haveria nada, portanto, de essencial na alta cultura para Bourdieu, sendo ela uma manifestação particular do capital cultural relevante para o estudo da sociedade francesa, mas que pode não importar para outros tempos ou outras sociedades. Em vez de pressupor, deve-se, então, buscar perceber qual o capital cultural específico que importa em cada contexto. Em verdade, o próprio Bourdieu (1987) já seguia esse caminho quando ele notava o crescente valor do que ele chamou de capital informacional, ausente em *A Distinção*, mas presente em obras posteriores (Castro, 2002).

Essa perspectiva abre caminho para o que Johaness Hjelbrekke (Nicolau Netto; Bertonceo, e Ribeiro, 2022) aponta como o mais frutífero atualmente: a busca por formas emergentes de capital cultural, como nomearam Prieur e Savage (Prieur e Savage, 2013). Compreendendo que o capital cultural não se confunde com a alta cultura, mas como uma forma de julgamento legítimo, eles notam que contemporaneamente ocorre o surgimento de novas formas de capital cultural. Eles nunca são exaustivos, nem podem ser, pois as sociedades estão em constante transformação. Porém, observando dados de pesquisas na Inglaterra e na Dinamarca, eles encontram algumas dessas formas (Prieur e Savage, 2015)⁹.

9 São elas: “busyness”, “knowingness” e cosmopolita. Sempre se mostrar *ocupado*, em oposição ao relaxado e preguiçoso, caracteriza o *busyness*. Saber lidar com os códigos simbólicos, usar a ironia ou a seriedade de modo adequado e, assim, mobilizar diferentes referências culturais, caracteriza o *knowingness*. Por fim, uma predileção por referências culturais estrangeiras e uma prática cultural internacional caracterizam o cosmopolita.

Outra resposta às críticas mencionadas anteriormente é o fato de que, mesmo quando as pessoas compartilham os mesmos bens culturais (pressuposto para se falar em gosto onívoro), não o fazem mesma maneira. Diversos autores notaram, como Jarness (Jarness, 2015), que a distinção pode estar se encaminhando do “o que” se consome para “como” se consome. Embora possa haver maior abertura para a diversidade do que se consome, a distinção continua operando porque a forma mais legítima de se consumir continua sendo altamente concentrada nas pessoas que possuem maior volume de capital. Em outras palavras, a disputa pela raridade pode estar tanto no acesso a bens ou práticas quanto em certos modos de deles se apropriar. O caso da comédia, estudado por Sam Friedman (2015), é exemplar. Ele opõe os que possuem mais (HCC – *higher cultural capital* – mais alto capital cultural) e menos (LCC – *lower cultural capital* – mais baixo capital cultural) capital cultural para notar seus gostos de humor. Embora haja, de fato, uma relação entre o volume desse capital e a preferência por certos comediantes, é relevante notar que o gosto por outros comediantes não varia por essa razão. Ou seja, alguns comediantes agradam ou desagradam pessoas independentemente de seus capitais. Contudo, mesmo em relação a esses, a forma de consumo da comédia é diferente. Enquanto os LCC riem facilmente, os HCC tendem a desprezar o riso fácil e agir com ironia àquilo que gostam de forma compartilhada com LCC. Em outras palavras, os HCC prezam a comédia que acham sofisticada, intelectualizada, e ironizam o que gostam, mas acham tolo.

Se levarmos essas análises para preocupações empíricas, ainda antes de pensarmos sobre os instrumentos metodológicos que devemos usar, temos algumas conclusões importantes, às quais nos dedicamos agora.

Captar o poder. Caracterizar as práticas e bens culturais típicos de uma classe não é suficiente para se saber se elas são, ao menos em potência, relevantes para o exercício do poder. Distinção, dissemos, não é apenas diferença, mas também hierarquia. Assim, é necessário que tenhamos em mente que, quando captamos que a prática X é típica de uma classe A, temos apenas uma parte do fenômeno, sendo a outra saber se essa prática é, ou pode ser, mobilizada pela classe A como trunfo. Ser um trunfo significa garantir a aquisição de bens raros e valorizados que: a) garanta a reprodução de classe e a manutenção de fronteiras entre essas classes; e/ou b) garanta o exercício de um domínio pelo reconhecimento social.

Basear-se em categorias retiradas da empiria. Devemos produzir instrumentais metodológicos nos quais as categorias presentes tenham sido ao máximo geradas com base no próprio material empírico, e não de suposições dos

pesquisadores, por mais informados que sejam. Isso evita, de um lado, o curto-circuito provocado por Bourdieu nas classes populares (Bennett, 2011). Afinal, ao supor que as classes populares não possuem um gosto estético, seu gosto não aparece no questionário e, assim, ele não aparece nos dados e nas análises, comprovando-se, por fim, que as classes populares não possuem um gosto estético. Por outro lado, evita-se supor a legitimidade de certas práticas, possibilitando que as categorias presentes na pesquisa sejam classificadas conforme elas de fato são operadas socialmente. Isso vale também para os domínios culturais, uma vez que, antes da pesquisa, ainda não sabemos sequer se determinado domínio pode ser mais ou menos relevante para os jogos da distinção do que outros. É o caso, por exemplo, da análise de compra de carro que se demonstrou altamente distintiva em alguns estudos (Coulangeon; Demoli e Petev, 2015), ou dos julgamentos sobre corpos e beleza e dos cuidados com o corpo (Vandebroek, 2015). Ou seja, é possível que tais domínios importem mais para o jogo da distinção em determinada sociedade do que domínios tradicionais, como, por exemplo, as artes plásticas. Isso nos permite, inclusive, testar a tese das formas emergentes de capital, cultural ou outros.

Saber o “como”. Independentemente do grau de concordância com a tese do onivorismo ou do homem plural, deve-se levar a sério a ideia de que pessoas de diferentes classes têm acesso a muitos dos mesmos produtos culturais. Isso significa que é necessário saber mais sobre como as pessoas se apropriam deles. Mas também é necessário saber mais sobre como as pessoas julgam o que elas e as outras pessoas praticam. O julgamento, seja estético ou moral, como demonstrou Lamont, pode servir de forma relevante de distinção.

Captar as composições. Do mesmo diagnóstico anterior, deve-se também buscar saber as composições de práticas, gostos, conhecimentos que as pessoas possuem. Uma vez que houve uma ampliação nas ofertas culturais, é possível que as composições dessas ofertas sejam mais distintivas do que se ofertadas isoladamente. Por exemplo, gostar de filmes de heróis pode não ser distintivo em si. Mas, se estiver ao lado de gostos por produtos orgânicos na culinária e por Proust na literatura, pode demonstrar uma abertura cultural (Szerszynski e Urry, 2002), a qual pode ser vista como distinta (Coulangeon, 2021). Observar as combinações nos permite, ao mesmo tempo, apreender o valor relacional dos bens, das práticas e dos gostos, assim como as disposições que orientam as diferentes escolhas.

Mensurar a herança. Os últimos dois itens – captar o como se consome e as composições – pressupõem que se capte aquilo que Will Atkinson chamou de “domínio do simbólico” (Atkinson, 2017). Para o autor, a principal característica

da distinção é saber escolher os símbolos mais legítimos em um universo, em si, caótico. Isso se relaciona especialmente com a atenção que Bourdieu deu à incorporação invisível e indolor, em geral na primeira infância, das estruturas sociais. Ou seja, trata-se de um poder não consciente que faz com que quem o tenha saiba tomar as escolhas mais legítimas. Na análise do capital cultural, isso se refere ao que o autor chamou de capital cultural incorporado. Para se captar esse capital, é necessário um esforço de se apreender a herança das disposições – do *habitus* –, ou seja, como e quando certas práticas foram passadas aos sujeitos. Dessa forma, é tanto necessário saber as composições de capital herdado (dos pais, ao menos, se possível dos avós), como também a iniciação dos sujeitos em determinadas práticas. Não só o tempo de exposição quanto o momento do início podem ser determinantes para o domínio do simbólico.

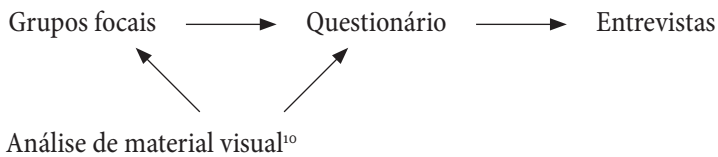
A operacionalização da pesquisa e a abordagem multimétodo: o uso dos grupos focais

Vimos que a relação entre distinção, capital cultural e classes sociais foi construída como um problema empírico de investigação sociológica em *A Distinção*, tendo se tornado, desde então, objeto de diversos outros estudos em diferentes contextos nacionais nas décadas seguintes. Tais estudos colocam a seguinte questão: os processos de distinção têm como fundamento o controle do capital cultural, especialmente em sua forma *incorporada*, como disposições relativamente duráveis e transponíveis que se objetivam por meio de posturas corporais, competências diversas, preferências estéticas que conferem poder aos agentes nos principais mercados de concorrência social? Essa questão principal geralmente se desdobra em várias subquestões relacionadas: a cultura é um recurso que confere poder aos agentes nas relações sociais, portanto, um capital? Qual é a forma que assume em determinado contexto histórico-social? Gostos, preferências estéticas, domínio de outras línguas, vivências no exterior, enfim, uma certa orientação em relação à *cultura*, contribuem para a formação de fronteiras sociais e simbólicas (portanto, entre as classes e suas frações), para a produção e reprodução de desigualdades, para a hierarquização social?

São questões bastante complexas cujas respostas exigem diferentes fontes de dados, diversas técnicas de observação e diferentes métodos de análise e de interpretação de dados. Enfim, um estudo que se preste a investigar “se as pessoas reconhecem fronteiras sociais e culturais e se os grupos sociais produzem juízos de superioridade e inferioridade social em relação uns aos outros com base nos gostos culturais” deve se valer daquilo que veio a ser recentemente

conhecido como *pesquisa multimétodo* (Silva; Warde e Wright, 2009: 300). Pesquisas desse tipo, como mencionado, são caracterizadas pela combinação de diferentes técnicas de produção de dados e de métodos para analisá-los e interpretá-los (Creswell e Clark, 2018; Bryman, 2006).

Na pesquisa *Distinção em São Paulo*, cujos resultados parciais aqui discutimos, construímos um encadeamento de técnicas de produção de dados qualitativos e quantitativos com base no esquema a seguir:



Nesse esquema, as setas indicam o fluxo principal de dados para a construção dos instrumentos de observação. Assim, a pesquisa em programas de estilos de vida em canais de televisão fechada possibilitou a formulação de hipóteses e a produção de dados utilizados na construção dos roteiros dos grupos focais e no questionário¹¹. No entanto, com exceção da pesquisa em programas de tevê, as outras técnicas de observação têm igual importância na produção dos dados gerais da pesquisa, ainda que exista, entre elas, uma sequência lógica que discutiremos a seguir.

Um grupo focal é uma *técnica qualitativa* que “coleta dados através da interação de um grupo de pessoas [reunidas para falar] sobre um tópico determinado pelo pesquisador” (Morgan, 1996: 130). Essa definição sublinha três aspectos importantes: i) um grupo focal é uma técnica orientada para a produção de dados *qualitativos*; ii) utiliza a *interação entre as pessoas* como a fonte primária de produção de dados; iii) o moderador tem um papel ativo na condução das discussões segundo os propósitos da pesquisa (idem, *ibid.*)¹². As duas principais características definidoras dos grupos focais, quais sejam uma *discussão focada* em alguns temas conforme os interesses da pesquisa e a *interação entre as pessoas*, conferem grandes vantagens ao uso dessa técnica para propósitos

10 Resultante da pesquisa em programas sobre estilos de vida exibidos em canais de TV fechada e internet. Ver resultados parciais aqui: <https://csc.ifch.unicamp.br/pf-csc/2023-02/ESTILOS%20DE%20VIDA%20NA%20TV%20E%20INTERNET.pdf>

11 No momento da escrita deste texto, já cumprimos as fases de análise de material visual e de grupos focais. Estamos na fase de elaboração do questionário.

12 Para revisões sobre o uso dos grupos focais como uma técnica de produção de dados nas Ciências Sociais, consultar também Morgan e Hoffman (2018) e Barbour e Morgan (2017).

exploratórios: em relação à observação participante, por exemplo, os grupos focais possibilitam a produção de uma grande quantidade de informações sobre um tópico de interesse, que dificilmente poderia ser obtida em um contexto “natural” de interação social; em relação a entrevistas individuais, por sua vez, a interação grupal cria condições propícias para um *fluxo menos dirigido de comunicação* entre os participantes, fazendo emergir temas não antecipados. De fato, *os grupos focais são bastante úteis nas etapas de investigação em que o pesquisador nem sequer ainda sabe muito bem quais questões deve fazer* (Morgan, 1997).

Grupos focais têm uma longa história na Sociologia e, nas últimas décadas, houve uma forte expansão no uso dessa técnica em pesquisas da área, sendo considerada atualmente parte do rol das técnicas de observação à disposição de cientistas sociais e de outras áreas (Morgan e Hoffman, 2018; Caillaud e Flick, 2017; Hennink, 2017). Eles podem ser usados como a única ou principal técnica de produção de dados, como uma técnica *suplementar* em relação a outras consideradas primárias ou *em combinação* com outras técnicas em pesquisas multimétodo, sendo todas igualmente importantes na coleta dos dados. Este último uso é o que mais se aproxima da estratégia adotada na pesquisa que é objeto deste texto.

Em nossa pesquisa, a realização dos grupos focais nos permitiu formular hipóteses para algumas questões iniciais: o que as pessoas fazem em seu tempo livre? Quais os domínios da prática em que mais investem tempo e energia? Como elas falam de seus gostos e dos gostos de outras pessoas? Que categorias empregam para isso? Ao emitirem juízos sobre o gosto, assumem a existência de hierarquias culturais? Elas fazem associações entre certos gostos ou práticas e certos grupos de pessoas? As pessoas se classificam socialmente com base nos gostos ou preferências estéticas?

Além de nos permitir formular algumas respostas iniciais a essas questões, os grupos focais também foram úteis para a elaboração do instrumento quantitativo de investigação: o questionário estruturado. Conforme sugere a literatura específica, os grupos focais podem contribuir com a construção de questionários, possibilitando captar os domínios mais importantes a serem mensurados, identificar as dimensões pertinentes a cada um deles e fornecer as categorias utilizadas nas perguntas ou respostas, tornando-as inteligíveis ao respondente.

Em nossa pesquisa, o material produzido por meio dos grupos focais nos ajudou a captar alguns domínios da prática que mobilizam fortemente as pessoas em seu tempo livre, sendo, possivelmente, instâncias empíricas privilegiadas para a apreensão dos processos de distinção, como os domínios do audiovisual

(música, cinema, filmes, séries), do entretenimento/lazer (televisão, viagem, shows), dos cuidados corporais etc. As discussões nos grupos focais também nos permitiram apreender aspectos relevantes das práticas a cada um desses domínios que diferenciam os participantes, como, por exemplo, a frequência com que alguém vai comer fora, o lugar preferido para comer e o conhecimento da oferta de restaurantes na cidade. Ou seja, nesse domínio específico, as discussões ajudaram a iluminar possivelmente diferentes orientações em relação à alimentação e, como hipótese de trabalho a ser testada ao longo da pesquisa, algumas homologias entre as oposições no campo gastronômico e as posições sociais dos participantes. Por fim, as próprias categorias “nativas”, mobilizadas pelos participantes dos grupos focais, também foram úteis para formular os itens do questionário, como os nomes de filmes, séries e restaurantes que as pessoas gostam ou rejeitam.

Composição e moderação dos grupos focais

Em termos de sua composição, os grupos focais podem variar bastante quanto ao grau de homogeneidade social dos participantes. Embora o procedimento de recrutamento dos grupos geralmente favoreça a homogeneização dos participantes, existe um debate hoje acerca das possibilidades oferecidas por grupos focais heterogêneos, como, por exemplo, a produção de diferentes pontos de vista sobre um tema (Morgan e Hoffman, 2018). Em nossa pesquisa, buscamos maximizar as chances de compor grupos focais socialmente homogêneos, de modo a facilitar o diálogo entre os participantes e minimizar o risco de assimetrias de poder que poderiam enviesar a comunicação. Esse risco se colocava de modo particularmente intenso para nossa pesquisa em função dos tópicos abordados nos grupos focais: diferenças marcantes em termos de capital cultural entre os participantes, por exemplo, trariam o risco de que os mais despossuídos se abstivessem de falar por não se perceberem como detentores do direito de opinar em matéria de gosto ou cultura. Em grupos focais relativamente homogêneos, os participantes tendem a compartilhar entendimentos, concepções do que é evidente, familiar ou “natural” (um “mundo da vida”, no linguajar da fenomenologia) e esse “solo comum” cria condições propícias para um fluxo profícuo de ideias. Ao mesmo tempo, buscamos compor grupos focais bastante diferentes *entre si*, segundo critérios que logo serão discutidos, com o objetivo de captar diferentes pontos de vista sobre os tópicos discutidos.

A homogeneização dos grupos focais foi feita conforme os critérios de idade e classe social. No que se refere à idade, há muitos estudos evidenciando a

existência de diferentes orientações em relação à cultura ou, mais amplamente, ao uso do tempo livre em função do *ciclo de vida*, de aspectos *geracionais* ou da *coorte* de nascimento (Reeves, 2016). Um exemplo pertinente à nossa pesquisa se refere às enormes diferenças que separam os mais jovens dos mais velhos em relação ao consumo de “alta cultura” (Bennett *et al.*, 2009: 52-54).

Em relação à classe social, fundamentamo-nos em uma abordagem bourdieusiana que concebe as “classes” como conjunto de agentes que ocupam posições vizinhas no espaço social, em função do modo como se distribuem os recursos que conferem poder nos principais mercados de concorrência social (sobretudo, o capital econômico e o capital cultural). Considerando as três dimensões que estruturam a distribuição desses recursos (a vertical, que corresponde ao volume global de capital; a horizontal, referente à composição dos capitais; e a diacrônica, referente às trajetórias de acumulação ou reconversão de capital), optamos por formar seis grupos focais, recrutando indivíduos com base em regiões distintas do espaço social recortado, conforme o eixo vertical, em três partes (superior, médio e inferior), e, conforme o eixo horizontal, em duas partes, de acordo com o peso relativos dos diferentes tipos de capital (mais capital cultural que econômico ou, ao invés, mais capital econômico que cultural).

A formação dos grupos focais foi feita por meio de um questionário disponibilizado virtualmente que funcionava como um filtro de recrutamento.¹³ Além de questões referentes ao perfil do respondente (gênero, idade, orientação sexual, identidade de gênero, raça/cor, estado civil, quantidade de filhos), foram incluídas questões usadas como indicadores da posição de classe, como ocupação¹⁴, renda familiar *per capita* e escolaridade do indivíduo (aqueles com, pelo menos, ensino superior incompleto deveriam informar qual o curso superior e a instituição de ensino). De modo a construir um indicador de capital cultural acumulado na família, havia questões sobre o acesso dos pais ao ensino superior e se outras pessoas na família também cursaram o ensino superior. Para melhor caracterização dos grupos médios e inferiores, perguntamos se os indivíduos foram cotistas ou bolsistas pelo FIES (para aqueles que haviam alcançado o ensino superior) e se, durante a infância ou adolescência, haviam frequentado algum programa de acesso à cultura. Por fim, considerando os padrões de segregação urbano-espacial que caracterizam a cidade de São Paulo, pedimos que os respondentes informassem o bairro de residência, informação que também constitui um indicador pertinente de capital econômico.

13 Consultar o site da pesquisa *Distinção em São Paulo* em <https://csc.ifch.unicamp.br/grupo/15>.

14 Para mais informações sobre a grade ocupacional utilizada, ver Bertoncello (2022) e Atkinson (2017).

O uso dessa abordagem multidimensional nos permitiu construir grupos bastante homogêneos em termos dos principais indicadores de classe. Por exemplo: o *grupo superior mais rico em capital cultural que econômico* era formado por indivíduos com diploma de ensino superior (alguns com mestrado ou doutorado) obtido em instituições de ensino superior prestigiadas e cujos pais haviam também concluído o ensino superior. Por sua vez, o *grupo superior mais rico em capital econômico* era composto por profissionais liberais ou com cargos gerenciais ou diretivos em grandes empresas, com elevada renda familiar (acima de seis salários-mínimos *per capita*), e que residiam em bairros ocupados por indivíduos de elevada extração social. Já na região média do espaço social, foram recrutados, para o *grupo com mais capital cultural que econômico*, profissionais com atuação nas áreas de educação e de produção ou intermediação cultural (fotógrafo, artesã, figurinista, professora de linguagens, professor de música etc.), com formação superior (tendo a maioria cursado em instituições mais prestigiadas); para o *grupo com mais capital econômico que cultural*, diferentemente, foram recrutados, em sua maioria, empregados do setor privado com alguma autonomia na execução das tarefas (por exemplo: analistas) e com qualificação superior (geralmente em instituições privadas de menor reconhecimento), pessoas em cargos de média gerência (gerente comercial, gerente de compras) e, por fim, uma pequena empresária, autodenominada “empreendedora” (dona de uma loja de roupas). Das classes populares, foram recrutados, para o grupo com mais capital cultural, indivíduos, em sua maioria, com credenciais de ensino médio (ou qualificação técnica) com atuação nos campos educacional e cultural (exemplos: educador cultural, grafiteiro, professora de dança, auxiliar de desenvolvimento infantil etc.); para o outro grupo popular, foram recrutadas igualmente pessoas com credenciais escolares médias e com ocupações manuais pouco ou semiqualficadas (exemplos: diarista, pedreiro, costureira, motorista de aplicativo, motoboy, auxiliar de pintura etc.). Notemos que, com exceção dos grupos inferiores¹⁵, os procedimentos de recrutamento e de composição dos grupos focais permitiram recrutar participantes de frações de classe opostas em termos da composição do capital.

Os seis grupos focais formados com esses recortes, incluindo idade, são: fração profissional superior com capital cultural mais alto que o econômico, com idade entre 35 e 55 anos; fração profissional superior com capital econômico mais

15 Isso decorreu, em grande medida, da dificuldade de recrutar participantes com mais capital econômico que cultural nos grupos inferiores, como trabalhadores autônomos mais capitalizados e pequenos empregadores, possivelmente em função da escassez de tempo livre desses indivíduos.

alto que o cultural, com idade entre 35 e 55 anos; fração profissional média com capital cultural mais alto que o econômico, com idade entre 25 e 40 anos; fração profissional média com capital econômico mais alto que o cultural, com idade entre 24 e 40 anos; fração profissional inferior com capital cultural mais alto que o econômico, com idade entre 25 e 40 anos; e, por fim, fração profissional inferior com baixo capital econômico e cultural, com idade entre 25 e 40 anos.¹⁶

Quanto à moderação dos grupos focais, a literatura sobre o tema destaca duas estratégias relativamente bem delimitadas: quando o tópico de pesquisa é relativamente pouco explorado, a moderação será mais eficaz se fizer uso de uma abordagem pouco estruturada, de modo a permitir que a discussão aborde temas não previstos. Essa estratégia maximiza a possibilidade de construir novas hipóteses de investigação. Por outro lado, se a agenda de pesquisa requer que os participantes falem sobre um conjunto bem definido de tópicos, a moderação pode adquirir uma feição mais estruturada, mediante um roteiro com tópicos previamente definidos (Morgan e Hoffman, 2018: 257).

Nossa estratégia se encontra a meio termo dessas abordagens. Foi construído um roteiro de questões sobre alguns tópicos pertinentes à investigação.¹⁷ Esse roteiro continha algumas questões abertas sobre tópicos gerais de nosso interesse, quais sejam usos do tempo livre, moradia e decoração, vestuário e alimentação / gastronomia. Ademais, de modo a explorar a relação dos participantes com símbolos e marcas e os modos como apreendem certas práticas no plano simbólico, foram exibidas algumas imagens de lugares, objetos ou pessoas referentes à moda, à alimentação, à decoração e à viagem. Em cada grupo focal, após a apresentação dos participantes, a moderadora iniciava a discussão com uma pergunta sobre o que as pessoas faziam em seu tempo livre, quando não estavam trabalhando. Após uma rodada de conversa, a moderadora anotava em um quadro as atividades mencionadas (por exemplo: ir ao cinema ou ao teatro, ler, fazer atividades esportivas ou ar livre, ouvir música, viajar etc.). Então, explorava diversos aspectos das práticas em cada um desses domínios: frequência com que a pessoa fazia certa atividade, do que gostava ou não gostava, como fazia aquela atividade etc. Por exemplo, em relação a filmes, os participantes discutiam os tipos de filme que gostavam e não gostavam, como escolhiam o filme a que assistiam (por exemplo: lendo alguma crítica em publicações especializadas), se escolhiam o filme levando em conta os atores, os diretores ou o enredo, como assistiam ao filme (se no cinema, na televisão, em

16 Os grupos focais tiveram entre 7 e 9 participantes.

17 Ver nota 11.

alguma plataforma de streaming) etc. Após esgotar essa discussão, a moderadora dirige a conversa para outros tópicos de interesse. O uso das imagens serviu ao propósito de provocar reações de gosto ou aversão aos objetos, situações ou lugares exibidos, buscando apreender os modos como as pessoas os classificam e também as categorias que mobilizam para classificá-los.

Recolhendo e interpretando dados dos grupos focais

Agora pretendemos discutir alguns resultados mais gerais na análise e interpretação dos dados produzidos pelos grupos focais.¹⁸

De modo geral, o resultado empírico mais importante se refere à *diferenciação de classe nos modos de apropriação da cultura*, que se revela de diversas maneiras. Participantes em diferentes grupos focais não apenas *expressaram gostos ou rejeições diferentes*, como também *diferentes maneiras de gostar ou rejeitar as mesmas coisas*. Um restaurante de origem cearense – e que atualmente tem filiais em várias cidades no país – pode ser visto como símbolo de alimentação requintada mais ou menos acessível, conforme a posição social ocupada (no grupo médio com mais capital econômico ou nos grupos inferiores), ou como um exemplar vulgar ou vulgarizado da gastronomia brasileira. Ainda nesse domínio, as competências necessárias para transformar a prática da alimentação em experiências gastronômicas – o que implica, no mínimo, um conhecimento prático da oferta de restaurantes na cidade e o lugar que ocupam uns em relação aos outros – também se mostraram muito desigualmente distribuídas entre os participantes dos grupos focais, sendo mais frequentes entre os participantes dos grupos superiores, revelando-se inclusive na reprovação das pretensões gastronômicas de certos restaurantes da cidade de São Paulo por participantes do grupo superior mais rico em capital cultural (ou seja, *a negação da negação*). Ademais, mesmo que gostem ou rejeitem as mesmas práticas ou objetos, ainda assim, *os participantes podem não ter os mesmos gostos* (no sentido mais preciso de princípio que regula as “escolhas” cotidianas), como na discussão que faremos a seguir acerca da oposição entre a mobilização de critérios morais ou estéticos para justificar a rejeição a certos objetos culturais.

Ainda em relação à diferenciação de classe nos modos de se apropriar da cultura, foi possível notar que os participantes nos diferentes grupos focais compartilham *muitas referências culturais entre si*. Em parte, esse “achado” decorre da estratégia de recrutamento visando à homogeneização dos grupos focais em

18 Para uma discussão sobre cultura e grupos focais, ver Silva, Warde e Wright (2009), Warde (2007) e Silva e Wright (2005).

termos de classe social e idade. Ao mesmo tempo, isso só foi possível porque tais critérios são, de fato, pertinentes para apreender os esquemas classificatórios que os indivíduos mobilizam para falar de práticas e gostos culturais.

Um trecho extraído da discussão sobre filmes e as plataformas em que estão disponíveis entre participantes do grupo superior com mais capital cultural ilustra esse argumento:

P2: Tem a Embaúba filmes...

MODERADORA: Embaúba Filmes...

P2: Que eu acho que é só de filmes nacionais.

P3: Embaúba filmes eu já vi também.

P4: Eu acho que tem também do...

P5: Eu acho que tem também a do... Belas Artes, né.

P1: Sim. Do próprio Itaú também, né?

P4: É... ainda não vi, mas...

P1: O SESC casa também. O SESC tem também.

P3: SPcine, SPcine, da Prefeitura de São Paulo.

Em outro trecho, dessa vez extraído da discussão no grupo inferior com menos capital econômico e cultural, os participantes falam sobre seus agenciamentos para adentrar às salas de cinema com comida ou para comer em praças de alimentação de centros de compra de modo a evitar pagar o preço “elevado” cobrado nos lugares:

P1: Mas no Aricanduva não pode, é proibido.

P2: Então, isso perde cliente.

P1: Aí, como não pode revistar a bolsa, as pessoas vai na Americanas, coloca tudo dentro da bolsa, e vai pro cinema.

P3: Eu faço isso. [todo falam juntos, discussão inaudível]

P4: Eu faço isso na praça de alimentação! Vou comprar o lanche, vou lá na Americanas [inaudível]

P3: Sento lá e como lá na praça de alimentação.

P5: Já me xingaram no Habib's por causa disso

Não foi incomum participantes completarem as frases uns dos outros enquanto conversavam, como se deu no grupo superior com mais capital econômico, em que um participante dizia ter ido a um restaurante e não se lembrava do nome. Ao descrever o local, outros participantes se manifestaram dizendo que sabiam onde estava localizado, ou porque também já haviam ido, ou porque

conheciam o lugar por frequentarem a região onde estava localizado. Esse e outros exemplos evidenciam, a nosso ver, que os participantes nos diferentes grupos focais mobilizavam certos esquemas classificatórios e referências culturais em suas falas que eram compartilhados, em alguma medida, com os demais, facilitando o entendimento mútuo.

Outro resultado geral que consideramos importante tem a ver com a desigual capacidade dos participantes de fazerem uma “discussão focada” sobre cultura. Os grupos superiores, especialmente o de mais alto capital cultural, são capazes de elaborar seus gostos mobilizando referências estéticas e têm conhecimento das opções disponíveis nos diferentes campos culturais discutidos. Por exemplo, no grupo superior de mais alto capital econômico, um participante disse em relação à oferta gastronômica na cidade de São Paulo: “Paris 6 é *overrated*”, o que, a nosso ver, significa que o participante tem algum conhecimento prático das classificações operantes nesse domínio. Entretanto, a maioria dos participantes fala sobre seus gostos ou rejeições simplesmente como “preferências pessoais”.

Talvez por isso os participantes tenham sido relutantes em afirmar a superioridade de seus gostos. Ainda assim, o aspecto grupal das discussões permitiu que discursos denunciando a vulgaridade de certos gostos ou práticas fossem construídos, especialmente quando esse “outro” a que é atribuído tal gosto ou prática não estava ali “representado” (por exemplo, nas discussões sobre o *funk*, o alvo foram as classes populares – ou, pelo menos, uma representação delas –, em função da suposta sexualização das mulheres).

Muito embora discursos visando à denúncia da vulgaridade de certas práticas ou gostos tenham sido raros, notamos que os participantes em todos os grupos focais reconheciam a *existência de hierarquias culturais*, mesmo que não as tenham mobilizado explicitamente – ao menos, no contexto das discussões dos grupos focais – para classificarem uns aos outros. Índícios do reconhecimento das hierarquias puderam ser observados nos *blefes*, artifícios empregados em situações em que um indivíduo se vê “testado” por uma instância considerada legítima, como no exemplo a seguir, extraído da discussão do grupo médio com mais capital econômico.

[Uma participante diz gostar de ler livros]

MODERADORA: Livros? Que tipo de livros?

P1: Ah, eu gosto bastante de... romance.

MODERADORA: Qual foi o último que você leu?

P1: O último é... Aí cê me pegou agora...

Indícios desse fenômeno também podem ser observados em todas as manifestações carregadas de “boa vontade cultural”, aquelas que prestam homenagem a escolhas “seguras” porque são amplamente reconhecidas (embora já vulgarizadas) como legítimas, ao mesmo tempo que articulam certa incompetência do indivíduo para delas se apropriar “corretamente”. O exemplo a seguir, extraído do grupo focal inferior com mais capital cultural, ilustra esse argumento:

P1: É, no computador, aí eu jogo na TV. É, eu fiz uma, tem um... um site que mostra os melhores filmes de todos os tempos, né? Então, a gente... Também tem. Então, é, eu... a gente tá seguindo, então assistimos o primeiro filme que tá nessa lista, é O Poderoso Chefão. Então, assistimos todos os Poderoso Chefão. Então, a gente tá seguindo essa ordem lá. Então, a gente assiste série, filme, tudo baseado nos que são os top dos top. Então, assistimos desde lá, de antigos, até agora. Então, tá assim sendo um aprendizado, porque, quando a gente tá assistindo alguma série ou um filme que faz menção desses... aí meu filho fala: “Olha, agora eu sei que que eles tão falando! Agora eu entendo por que que tem esse meme!” Ou os desenhos antigos também...

Por fim, a frequência com que as pessoas responderam “gostar de tudo” quando questionadas sobre suas preferências culturais também pode ser tomada como outro indício não apenas do reconhecimento pelos indivíduos da operação de hierarquias culturais, como também de que *o gosto classifica socialmente*. “Eu gosto de tudo” – ainda que esse “tudo” inclua apenas objetos ou práticas de universos de referências mais ou menos restritos – é uma entre tantas maneiras de evitar ser classificado por aquilo que se diz gostar ou não gostar, e também de prestar louvor – ainda que superficialmente – ao discurso de “abertura à diversidade”, que, segundo alguns estudos, teria se tornado um mote nas disputas em torno do modo legítimo de viver entre as classes e frações de classe ricas em capital cultural (Vries e Reeves, 2021; Bennett *et al.*, 2009). De fato, foi apenas no grupo superior mais rico em capital cultural que pudemos observar a articulação de um discurso em defesa da tolerância aos gostos “vulgares”.

Nesse sentido, “gostar de tudo” não significa a imposição das hierarquias culturais, como os estudos sobre o onivorismo já o haviam demonstrado (Bertoncelo, 2019). Ao contrário, ao manejarem certas classificações de gênero cultural para descrever seus gostos e rejeições, alguns participantes buscaram traçar uma linha entre o “autêntico” e o “vulgar”, como no exemplo a seguir, extraído do grupo superior com mais capital econômico:

P1: O funk é, tem duas vertentes, né? Tem o funk raiz, que veio do Rio de Janeiro, que tem uma letra, tem um enredo, você acompanha aquilo, que dividiu entre o... o charme e o funk na época. Mas agora tão pegando o ritmo do funk, que é uma batida muito bacana, e colocando umas letras que... de verdade.... eh é só... letra sexual.

P2: Eu, eu não gosto de sertanejo. E eu não gosto de sertanejo, porque eu não gosto das letras do sertanejo. É sofrência demais, gente. Cê escuta aquele negócio e chora...

P3: Eu acho que aquele sertanejo bem antigo, bem raiz, dá pra escutar. Agora, esse sertanejo...

As oposições internas a cada gênero (por exemplo, entre o sertanejo “legítimo” e o “vulgar”), além de evidenciarem aspectos desse domínio prático que os participantes possuem das classificações culturais vigentes, trazem dificuldades adicionais para qualquer pesquisa que busque apreender gostos e rejeições mediante as classificações baseadas em categorias de gênero cultural, como em boa parte dos estudos sobre o onivorismo (Brisson, 2019).

Usando os grupos focais na pesquisa multimétodo

Como esses dados nos auxiliam a construir os próximos instrumentos de pesquisa e dar conta das questões apontadas na seção um deste texto? Mantendo nosso olhar para o empírico, escolhemos exemplificar o procedimento recolhendo algumas manifestações que apareceram nos grupos focais. Houve tantas, como mesmo se nota no item anterior, mas essas são suficientes para ilustrar a análise que propomos.

Começamos por onde paramos na análise acima, ou seja, a oposição entre o *autêntico* e o *vulgar*. Como vimos, é comum que pessoas que dependem mais do capital cultural para sua reprodução tenham um julgamento mais voltado para aquilo que entendem que é autêntico, algo que opõem a noções como vulgar ou massa. A noção de autêntico adquire diversos significados e é frequentemente mobilizada de forma vaga como forma de tornar positivo um bem cultural. Julgar como autêntico é, em si, uma forma de classificação. Mas pudemos encontrar algumas noções mais precisas nos grupos focais. Destacamos aqui duas delas. A primeira é oposição ao que é visto como excessivamente comercial. O autêntico é o cinema de rua, em oposição ao de shopping; é a comida de bairro ou artesanal em oposição a cadeias de restaurantes; é a roupa com materiais reciclados ou de lojas do bairro (a valorização do território apareceu em especial nos grupos inferiores com mais capital cultural) em oposição a grandes lojas. Mesmo nas

viagens, os grupos com mais capital cultural tendem a usar a ideia de autenticidade para se opor a destinos de massa. À pergunta sobre a que lugar nunca iriam, o grupo intermediário com mais capital cultural respondeu à Disney, justamente o destino que o grupo intermediário com menos capital cultural respondeu que gostaria de ir. O segundo sentido de autêntico se define pela noção de tempo. Em uma visão tipicamente romântica, o autêntico se encontra no passado, mesmo naqueles objetos que um dia não foram vistos como autêntico. Tal como dito anteriormente, se o sertanejo e o rock podem ser vistos negativamente, os mesmos gêneros são vistos como autênticos se pensados no passado.

Isso nos indica que, se a noção de autêntico deve ser tratada como importante caracterização de grupos com mais capital cultural, ela deve ser refinada com base em noções como massa, comercial, vulgar e tempo. Em um questionário, não basta, portanto, usar categorias simples de gosto como sertanejo ou rock, mas é importante diferenciar se utilizando variações como sertanejo raiz e rock clássico para se captar distinções.

Outra oposição relevante que apareceu nos grupos focais é entre *moral e estética*, referindo-se a formas como as diferentes classes justificam aquilo que gostam e desgostam. A diferença aparece de forma vertical, sendo que os grupos em que o capital cultural é mais relevante tendem a justificar seus desgostos e gostos com termos estéticos, enquanto os que possuem menos capital cultural tendem a justificar pela moral. A forma de julgamento do desgosto musical de trap, funk e sertanejo é ilustrativa, dividindo os grupos intermediários, como se vê a seguir:

Grupo intermediário com mais capital cultural: “É o Tik Tok que faz o trap ser o que é. Então, assim... Não gosto de funk, não gosto de sertanejo, é... As músicas que tão em alta no Tik Tok. Pra mim, elas tinham que ter só 15 segundos, que é o tempo do Tik Tok e nunca tocar na rua. Por exemplo, porque um tempo atrás, eu tive que ir fotografar um show de trap. Foi assim, eu saí de lá e falei “nunca mais eu quero esse trabalho [?]”, porque aquela música é insuportável. E é tudo auto tune. Se o auto tune não funciona, não tem carreira, porque a voz da pessoa é [inaudível], a letra é: ‘eu tenho um carro, eu tenho uma mulher, eu tenho num sei que...’ Então assim, é muito vazio. O sertanejo também eu considero muito vazio, porque, se você para pra ver todas as letras, todas elas são iguais. É sempre a mesma coisa! [rindo]”

Grupo intermediário com menos capital cultural (apanhado de expressões): “O pessoal é um pouco depravado”; “tinha bailes que o pessoal comentava que mulher ia sem calcinha”; “rola muita droga lá dentro, vende lá dentro”;

“Tem os tal de Zé droguinhas...”; “tem o mandraca e a mandraca”; “Alerquina, e o Coringa, né? Que é da vida.... chamada vida do crime”, “Eles andam armados”.

Nota-se que o grupo com mais capital cultural busca razões estéticas (baseadas na forma, na análise interna do bem cultural) para seu desgosto, enquanto o grupo com menos capital cultural justifica sua rejeição sem menção a tais formas, mas por aquilo que acham que o produto cultural representa de imoral. Isso pode indicar duas coisas. Em primeiro lugar, que a diferença entre as altas classes médias dos EUA e da França, encontrada por Lamont, não seja meramente uma diferença entre dois países, mas de composição de capital. Em outras palavras, a estética e a moral podem estar sendo mobilizadas pelas diferentes frações de classe para a produção de suas fronteiras. Em segundo lugar, é possível que as frações inferiores, mesmo as que possuem relativamente menos capital cultural, produzam a distinção baseado na moral. Ou seja, ao contrário da ausência de um senso de distinção, ele pode estar operando não na dimensão estética, como previa Bourdieu, mas moral. Isso se nota pelo fato de que, no grupo de menos capital cultural, mais uma vez são repetidos julgamentos morais sobre funk e sertanejo. O funk “cabeludo” levaria a comportamentos negativos – “A mesma coisa esse sertanejo: ‘Ela me chifrou, num sei o quê...’ E o cara fica aquilo no pensamento, e daí vai brigar com a mulher”. Dessa forma, a pesquisa precisa captar o “como” da prática, como já dissemos, mas tendo em vista também os julgamentos, ao menos os estéticos e morais.

Por fim, há os *intermediários culturais e instituições*. Bourdieu atribuía às classes médias o gosto da boa vontade cultural. Incertas sobre o valor simbólico dos bens e das práticas culturais, uma vez que não dominam plenamente os códigos, essas classes tendem a confundir coisas de valores simbólicos diferentes. Com a ampliação da circulação dos bens culturais, da quantidade de instituições de consagração e mesmo dos domínios relevantes para a estilização da vida, parece ter se tornado mais difícil, mesmo para as classes altas, um domínio do simbólico amplo o suficiente para saber as hierarquias dos bens e produtos culturais. Nos grupos focais, mesmo os grupos superiores pareciam inseguros, especialmente em exemplificar aquilo que gostam, como o nome de um livro ou de um diretor. Bourdieu nos mostra que os respondentes de sua pesquisa com mais capital cultural sabiam mais nomes de diretor dos filmes a que diziam ter assistido e dos compositores das músicas que diziam gostar. Isso revela, para o autor, como o conhecimento (e não apenas o reconhecimento) é relevante para jogo da distinção. No momento em que saber tais nomes pode ser um desafio

maior, conhecer os intermediários culturais, ou seja, aqueles que indicam o que se consumir, parece ser uma estratégia frequente. Assim, os grupos com mais capital cultural dão especial atenção à escolha daquele que indica o que se deve fazer culturalmente; quanto maior é o volume de capital cultural de uma fração, maior parece ser o maior domínio sobre isso. São esses grupos que citam com mais frequência o nome de salas de cinema (SESC, Reserva Cultural, Itaú Cultural etc.) e se importam com as plataformas de vídeo que usam (como o MuBi), youtubers e lista de melhores filmes. O grupo superior com mais capital cultural chega a se engajar na rejeição a certos intermediários e dizer não gostar de listas prontas de filme, preferindo aquelas que possuem curadoria.

Isso pode indicar que a escolha dos intermediários está se tornando tão distintiva quanto a escolha dos bens e práticas culturais. Em outras palavras, o “quem” indica e o “onde” se consome (a oposição cinema de shopping e cinema de rua, por exemplo, apareceu de forma bastante relevante) podem ser tão relevantes quanto o “o que” e o “como”. Isso é importante quando, mesmo na fração superior com mais capital cultural, saber o nome dos bens culturais é algo raro e muitas vezes insuficiente, uma vez que se ampliou imensamente a variedade de bens culturais que podem ser legítimos. Um intelectual clássico pode até dominar nomes de escritores europeus, mas pode se embaralhar se a conversa se voltar para escritores angolanos ou escritoras negras etc. Dominar nomes de editoras, salas de cinema, galerias etc. pode estar se tornando distintivo.

Conclusão

As análises que apresentamos demonstram os benefícios do uso de grupo focal na primeira fase de uma pesquisa multimétodo com os objetivos da nossa. Destacamos duas razões para tanto. Em primeiro lugar, os grupos focais permitem que o pesquisador construa hipóteses que serão investigadas ao longo da pesquisa, com ajuda de outras técnicas de investigação, como o questionário. Um questionário é um instrumento fechado com questões e respostas pré-definidas e pré-ordenadas. De antemão, é possível que os pesquisadores tenham dúvidas sobre o que importa ser, de fato, medido e como. Todos temos hipóteses sobre o que deve ser medido, mas é necessário diminuir as incertezas sobre o que importa perguntar em um questionário. Os dados coletados por grupos focais nos ajudam a formular algumas hipóteses sobre os domínios da prática que deveriam ser incluídos, quais aspectos deveriam ser mensurados e quais categorias poderiam ser empregadas para que sejam inteligíveis aos respondentes. Em segundo lugar, os grupos focais permitem recolher da própria empiria, que, no caso, foi

construída com base em classes sociais, as categorias classificadas a serem testadas em um questionário. Uma pesquisa que busque captar a distinção pressupõe que as categorias que aparecem em um questionário sejam pertinentes para captar as classificações sociais manejadas pelos agentes. Por exemplo: caso se pergunte o gosto por gênero musical e se coloque como resposta possível música clássica e forró, isso é feito porque se supõe que esses gêneros estão classificados de maneira diferentes na sociedade, produzindo, assim, distinções. Na interação do grupo focal, o pesquisador pode notar essas classificações e escolher as categorias por meio delas. Isso também permite maior controle para se observar as composições dos estilos de vida, mencionadas na primeira seção. Afinal, essas composições só importam por meio da classificação das práticas e preferências culturais no espaço simbólico. Controlar a classificação das categorias e dos domínios mensurados é, portanto, uma contribuição dos grupos focais.

Proceder dessa maneira também permite abrir a pesquisa para as possibilidades de distinção não previstas. É o caso, como evidenciado, do tema da moral como uma possível manifestação não estética de distinção e dos intermediários culturais. Da mesma forma, é possível que sejam reforçadas ou questionadas algumas formas de distinção já conhecidas na bibliografia, como o gosto onívoro (“o gosto de tudo”), o como se consome e a referência a práticas mais legítimas de cultura, como a leitura. A análise da fase de grupo focal auxilia, em uma pesquisa como a referida aqui, na escolha de categorias precisas para o questionário que mensurem o que e como diferentes classes se relacionam com a cultura em uma variedade de domínios e práticas pré-classificadas. Isso também é relevante no auxílio a um dos desafios das pesquisas com questionário, que é a necessidade de se usar categorias precisas. Isso se dá tanto por uma necessidade metodológica, como explicado no parágrafo anterior, quanto econômica. Um questionário muito longo tende a ser mais caro e menos produtivo, uma vez que o respondente se desconcentra. Ter controle das categorias com base nos grupos focais ajuda a contornar essas dificuldades.

O grupo focal também deve voltar a ser mobilizado na fase das entrevistas, a última fase de uma pesquisa multimétodo, como a que usamos aqui de exemplo. As entrevistas não são nosso foco aqui, mas devemos adiantar, tal qual propõem Lamont, Sølvsberg e Jarness (Sølvsberg e Jarness 2019), que elas devem ser aplicadas para buscar um refinamento sobre a forma como as pessoas constroem as fronteiras simbólicas, que “não apenas criam grupos, mas potencialmente produzem desigualdades porque elas são um meio essencial pelo qual indivíduos adquirem status, monopolizam recursos, afastam ameaças ou legitimam suas vantagens sociais, frequentemente em referência a competências de

caráter, hábitos e estilos de vida superiores” (Lamont, 1992: 12). Para identificar como as fronteiras são produzidas, é necessário “permitir que as próprias pessoas definam quais os signos de status superiores são mais importantes para eles” (Lamont, 1992: 3). Ou seja, se sabemos que um repertório cultural é mais ou menos típico de uma classe, é importante medir o peso que essa classe dá aos elementos desse repertório e quais utiliza com mais força para traçar as fronteiras que a separa de outras classes. Isso se capta melhor com as entrevistas, uma vez que, ao darem sentido a suas escolhas, as pessoas revelam suas hierarquias. Os grupos focais, agora reanalisados a luz dos dados do questionário, são mobilizados para que encontremos possibilidades desses sentidos, a serem aprofundados nas entrevistas.

Referências

- ATKINSON, Will. *Class in the New Millennium: The Structure, Homologies and Experience of the Britain Social Space*. London, New York, Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. São Paulo, Edições 70, 2009.
- BENNETT, Tony. 2011. Culture, Choice, Necessity: A Political Critique of Bourdieu's Aesthetic. *Poetics*, v. 39, 2011, n. 6, pp. 530–46.
- BENNETT, Tony et al. *Culture, class, distinction*. Abingdon; Nova Iorque, Routledge, 2009.
- BERTONCELO, Edison, NICOLAU NETTO, Michel e RIBEIRO, Fábio. 2022. Distinção e capital cultural hoje: introdução. *Tempo Social. São Paulo*, v. 34, n. 2, 2022, pp. 5–29.
- BERTONCELO, Edison. Classes sociais e consumo: um estudo dos gastos das famílias brasileiras a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares (2017-2018). *Civitas: revista de ciências sociais*. Porto Alegre, v. 22, 2022, pp. 1-17.
- BERTONCELO, Edison. Consumo cultural e manutenção das distâncias sociais no Brasil. In: PULICI, Carolina e FERNANDES, Dmitri Cerboncini. *As lógicas sociais do gosto*. São Paulo, Unifesp, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção crítica social do julgamento*. São Paulo, Porto Alegre, EDUSP Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo; Porto Alegre, EDUSP Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *Os Herdeiros: Os Estudantes e a Cultura*. Florianópolis, UFSC, 2018.

- BOURDIEU, Pierre. *As meditações pascalianas*. Lisboa, Bertrand, 2001.
- BOURDIEU, Pierre et al. *Un art moyen*. Paris, Éditions de Minuit, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*. Berkeley, Califórnia, v. 32, 1987, pp. 1-49.
- BRYMAN, Alan. Integrating quantitative and qualitative research: how is it done? *Qualitative research*. S.l, vol. 6, n. 1, 2006, pp. 97-113.
- CAILLAUD, Sabine e FLICK, Uwe. Focus Groups in Triangulation Contexts. In: BARBOUR, Rosaline e MORGAN, David. *A New Era in Focus Group Research: Challenges, Innovation and Practice*. Londres, Macmillan Publishers, 2017.
- CASTRO, Ana Lúcia de. Consumo e capital informacional nas lógicas de distinção entre grupos dominados. *Tempo Social*. São Paulo, v. 34, n. 2, 2022, pp. 31-45.
- CHAN, Tak Wing e GOLDTHORPE, John H. Data, Methods and Interpretation in Analyses of Cultural Consumption: A Reply to Peterson and Wuggenig. *Poetics*. [On-line], v. 34, n 4-5, 2017, pp. 317-29.
- COULANGEON, Philippe. *Culture de masse et société de classes: Le goût de l'altérité*. Paris, Presses Universitaires de France, 2021.
- COULANGEON, Philippe; DEMOLI, Yoann e PETEV, Ivaylo D. Cultural distinction and material consumption: The case of cars in contemporary France. In: COULANGEON, Philippe; DUVAL, Julien. (Orgs.) *The Routledge Companion to Bourdieu's "Distinction"*. New York, Routledge, 2015, pp. 119-132.
- CRESWELL, John W. e CLARK, Vicki L. *Designing and conducting mixed method research*. Thousand Oaks; Londres; Nova Delhi, SAGE, 2018.
- DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: DURKHEIM, E. *Durkheim: Sociologia*. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- DUVAL, Julien. Distinção. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A.; HEY, A.P.; MEDEIROS, C.C.C de. (Orgs.) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017, pp. 146-148.
- FRIEDMAN, Sam. *Comedy and Distinction: the cultural currency of a 'good' sense of humour*. London, Routledge, 2015.
- HENNINK, Monique. Cross-cultural focus group discussion. In: BARBOUR, Rosaline; MORGAN, David. *A New Era in Focus Group Research: Challenges, Innovation and Practice*. Londres, Macmillan Publishers, 2017.
- HJELLBREKKE, Johs; JARNESS, Vegard e KORSNES, Olav. Cultural Distinctions in an 'Egalitarian' Society. In: COULANGEON, Philippe e DUVAL, Julien. (Orgs.) *The Routledge Companion to Bourdieu's "Distinction"*. New York, Routledge, 2015, pp. 187-206.
- HOLT, Douglas B. 1997. Distinction in America? Recovering Bourdieu's Theory of Tastes from Its Critics. *Poetics*. [On-line], v. 25, n. 2-3, 1997, pp. 93-120.

- JARNESS, Vegard. Modes of Consumption: From 'What' to 'How' in Cultural Stratification Research. *Poetics*. [On-line], v. 53, 2015, pp. 65–79.
- LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. Indivíduo e mistura de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. [On-line], v. 50, n. 4, 2007, pp. 795–825.
- LAMONT, Michèle. *Money, morals, and manners: the culture of the French and American upper-middle class*. Chicago, University of Chicago Press, 1992.
- LAMONT, Michèle e LAREAU, Annette. Cultural Capital: Allusions, Gaps and Glissandos in Recent Theoretical Developments. *Sociological Theory*. [On-line], v. 6, n. 2, 1988, pp. 153–168.
- LEBARON, Frédéric. Statistique et AGD dans l'oeuvre de P. Bourdieu. In: LEBARON, Frédéric e LE ROUX, Brigitte. *La méthode de Pierre Bourdieu en action: espace culturel, espace social et analyse des données*, organizado por F. Lebaron e B. Le Roux. Paris, Dunod, 2015, pp. 43–58.
- LEBARON, Frédéric et al. La sociologie des pratiques culturelles après La Distinction: un état des enjeux. In: LEBARON, Frédéric e LE ROUX, Brigitte. *La méthode de Pierre Bourdieu en action: espace culturel, espace social et analyse des données*, organizado por F. Lebaron e B. Le Roux. Paris, Dunod, 2015, pp. 81–98.
- MORGAN, David. *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park; Londres; Nova Delhi, SAGE, 1997.
- MORGAN, David. Focus Groups. *Annual Review of Sociology*. [On-line], v. 22, 1996, pp. 129–152.
- MORGAN, David e HOFFMAN, Kim. Focus Groups. In: FLICK, Uwe. *Thousand Oaks*. Londres; Nova Delhi, SAGE, 2018.
- NICOLAU NETTO, Michel; BERTONCELO, Edison Bertoncelo; RIBEIRO, Fábio. Interview with Johannes Hjellbrekke. *Tempo Social*. São Paulo, v. 34, n.2, pp. 189–94, 2022.
- ORTIZ, Renato. *O universo do luxo*. São Paulo, Alameda, 2019.
- PETERSON, Richard A. Understanding Audience Segmentation: From Elite and Mass to Omnivore and Univore. *Poetics*. [On-line], v. 21, n. 4, 1992, pp. 243–258.
- PETERSON, Richard A. Problems in Comparative Research: The Example of Omnivorousness. *Poetics*. [On-line], v. 33, n. 5–6, 2005, pp. 257–82.
- PETERSON, Richard A.; KERN, Roger M. Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore. *American Sociological Review*, v. 61, n. 5, 1996, pp. 900–907.
- PRIEUR, Annick; SAVAGE, Mike. Emerging forms of cultural capital. *European Societies*. [On-line], v. 15, n. 2, 2013, pp. 246–67.
- PRIEUR, Annick e SAVAGE, Mike. On 'knowingness', cosmopolitanism and busyness as emerging forms of cultural capital". In: COULANGEON, Philippe; DUVAL, Julien.

- (Orgs.) *The Routledge Companion to Bourdieu's "Distinction"*. New York, Routledge, 2015, pp. 307-318.
- REEVES, Aron. Age-period-cohort and cultural engagement. In: HANQUINET, Laurie e SAVAGE, Mike. *Routledge International Handbook of the Sociology of Art and Culture*. Londres; Nova Iorque, Routledge, 2016.
- ROSENBLUND, Lennart. *Exploring the City with Bourdieu: Applying Pierre Bourdieu's Theories and Methods to Study the Community* Foreword by Loïc Wacquant. Saarbrücken. VDM Verlag, 2009.
- SAPIRO, Gisèle. The international career of Distinction. In: COULANGEON, Philippe e DUVAL, Julien. (Orgs.) *The Routledge Companion to Bourdieu's "Distinction"*. New York, Routledge, 2015, pp. 29-42.
- SILVA, Elizabeth; WRIGHT, David. The judgement of taste and social position in focus group research. *Sociologia e ricerca sociale*. [On-line], n. 76-77, 2005, pp. 1-15.
- SILVA, Elizabeth; WARDE, Alan e WRIGHT, David. Using Mixed Methods for Analysing Culture: The Cultural Capital and Social Exclusion Project. *Cultural Sociology*. [On-line], v. 3, n. 2, 2009, pp. 299-316.
- SØLVBERG, Lisa MB e JARNESS, Vegard. Assessing Contradictions: Methodological Challenges When Mapping Symbolic Boundaries. *Cultural Sociology*. [On-line], v. 13, n. 2, 2019, pp. 178-97.
- SZERSZYNSKI, Bronislaw e URRY, John Urry. Cultures of Cosmopolitanism. *Sociological Review*. [On-line], v. 21, n. 4, 2002, pp. 461-481.
- VANDEBROECK, Dieter, Classifying bodies, classified bodies, class bodies: A carnal critique of the judgment of taste. In: COULANGEON, Philippe; DUVAL, Julien. (Orgs.) *The Routledge Companion to Bourdieu's "Distinction"*. New York, Routledge, 2015, pp. 227-254.
- VRIES, Robert de; REEVES, Aaron. What Does it Mean to be a Cultural Omnivore? Conflicting Visions of Omnivorousness in Empirical Research. *Sociological research online*. [On-line], v. 27, n. 2, 2022, pp. 292-312.
- WARDE, Alan. Does Taste Still Serve Power? The Fate of Distinction in Britain. *Sociologica*. [On-line], v. 3, 2007, pp. 1-27.

Recebido em: 28/03/2023

Aprovado em: 27/09/2023

Como citar este artigo:

BERTONCELO, Edison; NICOLAU NETTO, Michel. Captando a distinção empiricamente: uma análise baseada em uma pesquisa multimétodo. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 2, maio - agosto. 2023, pp. 359-389.